

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

F. F.
BRUCE

HEBREUS

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	xI
<i>Prefácio à segunda edição</i>	xv
<i>Prefácio à primeira edição</i>	xvii
<i>Reduções gráficas</i>	xxi
<i>Linha de argumentação da Epístola aos Hebreus</i>	xxvii

Introdução	1
I. Destinatários.....	1
II. Destinação.....	8
III. Autoria.....	13
IV. Data	20
V. Canonicidade	23
VI. Hebreus e o Antigo Testamento.....	25
VII. Hebreus e o evangelho	30

Texto e comentário

I. A condição definitiva do cristianismo (1.1—2.18).....	37
A. A revelação definitiva de Deus em seu Filho (1.1-4)	38
B. Cristo é melhor do que os anjos (1.5-14).....	47
C. Primeira exortação: o evangelho e a Lei (2.1-4)	64
D. A humilhação e a glória do Filho do Homem (2.5-9)	69
E. O Filho do Homem: o salvador e sumo sacerdote de seu povo (2.10-18).....	79
II. O verdadeiro lar do povo de Deus (3.1—4.13).....	93
A. Jesus é maior do que Moisés (3.1-6)	94

B. Segunda exortação: rejeitar Jesus é mais sério do que rejeitar Moisés (3.7-19)	100
C. O verdadeiro descanso prometido por Deus pode ser desperdiçado (4.1-10)	110
D. Exortação para obter o descanso prometido por Deus (4.11-13)	120
III. O sumo sacerdócio de Cristo (4.14—6.20)	125
A. O sumo sacerdócio de Cristo: encorajamento para o seu povo (4.14-16)	126
B. As qualificações para o sumo sacerdócio (5.1-4)	130
C. As qualificações de Cristo para o sumo sacerdócio (5.5-10)	136
D. Terceira exortação: imaturidade espiritual (5.11-14)	149
E. Um segundo começo não é possível (6.1-8)	154
F. Encorajamento à perseverança (6.9-12)	170
G. A firmeza/imutabilidade da promessa de Deus (6.13-20)	173
IV. A ordem de Melquisedeque (7.1-28)	179
A. Melquisedeque, o sacerdote-rei (7.1-3)	180
B. A grandeza de Melquisedeque (7.4-10)	186
C. A imperfeição do sacerdócio arônico (7.11-14)	191
D. A superioridade do novo sacerdócio (7.15-19)	196
E. É superior em virtude do juramento divino (7.20-22)	199
F. É superior em virtude de sua permanência (7.23-25)	202
G. É superior em virtude do caráter de Jesus (7.26-28)	207
V. Aliança, santuário e sacrifício (8.1—10.18)	213
A. Sacerdócio e promessa (8.1-7)	214
B. A antiga aliança suplantada (8.8-13)	222
C. O santuário sob a antiga aliança (9.1-5)	234
D. Um ritual temporário (9.6-10)	245
E. A redenção eterna de Cristo (9.11-14)	252
F. O mediador da nova aliança (9.15-22)	262
G. O sacrifício perfeito (9.23-28)	273
H. A antiga ordem: uma sombra da realidade (10.1-4)	281
I. A nova ordem: a realidade (10.5-10)	288
J. O sumo sacerdote entronizado (10.11-18)	294
VI. Chamado à adoração, à fé e à perseverança (10.19—12.29)	301
A. Acesso a Deus por meio do sacrifício de Cristo (10.19-25)	302
B. Quarta exortação: o pecado obstinado da apostasia (10.26-31)	317

C. Chamado à perseverança (10.32-39).....	325
D. A fé das pessoas de antigamente (11.1-40)	337
1. Prólogo: a natureza da fé (11.1-3)	338
2. A fé dos antediluvianos (11.4-7)	343
3. A fé de Abraão e Sara (11.8-12).....	354
4. A cidade de Deus: pátria dos fiéis (11.13-16)	364
5. Mais sobre a fé dos patriarcas (11.17-22).....	369
6. A fé de Moisés (11.23-28)	377
7. Fé no Êxodo e durante a ocupação da Terra Prometida (11.29-31)	386
8. Mais exemplos de fé (11.32-38)	391
9. Epílogo: a vindicação da fé vem com Cristo (11.39-40)	404
E. Jesus, o pioneiro/autor e aperfeiçoador da fé (12.1-3)	406
F. A disciplina é para os filhos (12.4-11)	417
G. Levantemos, então, e ajamos (12.12-17)	424
H. O Sinai terreno e a Sião celestial (12.18-24).....	432
I. Preste atenção à voz de Deus (12.25-29).....	443
VII. Exortação final e oração (13.1-21)	449
A. Prescrições éticas (13.1-6)	451
B. Exemplos a seguir (13.7-8).....	459
C. Os verdadeiros sacrifícios cristãos (13.9-16).....	461
D. Submissão aos líderes (13.17)	472
E. Pedido de oração (13.18-19)	474
F. Oração e doxologia (13.20-21)	476
VIII. Pós-escrito (13.22-25)	479
A. Observações pessoais (13.22-23)	480
B. Saudações finais e bênção (13.24-25).....	483
<i>Bibliografia</i>	487
<i>Índice de autores</i>	497
<i>Índice de assuntos</i>	503
<i>Índice de Escrituras e outros textos antigos</i>	513

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de ao menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem objetivo mais adequado. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação exata do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Portanto, ele precisa da Palavra de Deus.

O caminho, porém, da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são aqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores de uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações no universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que formam esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se *do texto* das Escrituras. Isso não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico, mas sim que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre orientados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos de Cristo e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar dissociada da

realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor o que Deus disse outrora, já que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode conquistar o coração das pessoas.

Por fim, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes originários de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem, por exemplo, citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim — e comentários homiléticos — os quais tentam expor de forma clara como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio à segunda edição

A filosofia de manter atualizados os comentários desta série determinou a revisão, depois de um quarto de século, deste volume sobre Hebreus.

Nesses vinte e cinco anos, minha compreensão geral dessa epístola não mudou em nenhum elemento substancial, mas tenho me beneficiado dos meus próprios estudos dela e ainda mais das obras de vários colegas que apareceram desde a publicação da primeira edição. Se posso mencionar um desses colegas de forma especial, devo muito à obra de Père Albert Vanhoye, S.J., do Pontifical Biblical Institute. Ao nome dele preciso acrescentar os de quatro antigos estudantes de pesquisa meus dos quais aprendi mais sobre Hebreus do que eles jamais aprenderam de mim: Bruce A. Demarest, Pauline Giles, David G. Peterson e Norman H. Young. Um professor não pode ter satisfação maior do que saudar a produção de estudantes como esses.

Como no caso de todos os volumes originais da série *New International Commentary on the New Testament* [Novo Comentário Internacional do Novo Testamento], a American Standard Version de 1901 serviu de texto-base para a primeira edição deste comentário. Agora, ela foi substituída por minha tradução *ad hoc* do texto bíblico.

F. F. BRUCE
Janeiro 1990

Prefácio à primeira edição

No dia 25 de junho de 1954, recebi o convite do dr. N. B. Stonehouse, nosso primeiro editor geral, para assumir o desafio de escrever o volume sobre a Epístola aos Hebreus para a série *New International Commentary on the New Testament* [Novo Comentário Internacional do Novo Testamento]. Desde então, dediquei boa parte do meu tempo a essa epístola e aprendi a apreciar cada vez mais o ponto de vista e o propósito de seu autor desconhecido — ainda tão desconhecido para mim no que diz respeito ao nome quanto no momento em que embarquei no estudo sério da obra dele, mas não completamente desconhecido, penso eu, em outros aspectos.

Para muitos leitores, a Epístola aos Hebreus está entre os livros mais difíceis do Novo Testamento. Seu estilo magnífico, ao qual os revisores da versão King James (seguindo as pegadas de William Tyndale) corresponderam plenamente, pode ser mais facilmente apreciado do que os detalhes da sua argumentação, que requerem uma maior familiaridade com os seus antecedentes veterotestamentários e uma compreensão mais adequada de certas expressões da exegese bíblica do primeiro século do que a maioria dos leitores tem. *Sir Edmund Gosse*, em *Father and son* [Pai e filho], expressa a dificuldade que teve como menino em seguir a leitura e exposição que seu pai fez da epístola. “A linguagem melodiosa, a sublime e divina intrepidez forense, o magnífico fluir e refluir na argumentação que fazem da ‘Epístola aos Hebreus’ tamanho milagre estavam muito acima e além do meu alcance, e só me desconcertavam.”

Para muitas pessoas, assim se comenta, a Epístola aos Hebreus é simplesmente “o livro sobre Melquisedeque” — embora Melquisedeque só ocupe em torno de vinte dos mais de trezentos versículos da carta. Outros perdem o chão quando cruzam com referências ao “sangue de touros e de bodes” e à “cinza de uma novilha aspergidos sobre os contaminados” e ficam imaginando como tudo isso está relacionado com a verdadeira religião. O autor de Hebreus, aliás, está empenhado em argumentar que tudo isso não tem relação

alguma com a verdadeira religião; mas ele está lidando com pessoas que foram criadas com a ideia de que isso está muito relacionado com ela. Mas o que a sua linha de argumentação tem a dizer aos leitores de hoje, que não estão dispostos de maneira alguma a pensar que sacrifícios de animais fazem parte da adoração a Deus? Na verdade, tem isto a dizer: que a verdadeira religião ou a adoração de Deus não está ligada a exterioridades de qualquer tipo. O nosso autor está insistindo na interioridade da verdadeira religião, na necessidade de uma consciência purificada como uma condição indispensável para oferecer a Deus um culto aceitável naquele verdadeiro santuário que mãos humanas não construíram.

Além disso, esse é o livro que estabelece o caráter decisivo do evangelho ao afirmar a supremacia de Cristo — sua supremacia como palavra perfeita de Deus para o homem e o representante perfeito do homem diante de Deus. Mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento, trata do ministério que nosso Senhor está exercendo agora em favor de seu povo. Em tempos em que os fundamentos são abalados, o livro fala do reino que não pode ser abalado. Ele lembra os cristãos de que não faz parte do chamado deles acomodar-se e contentar-se com as coisas do jeito que estão, mas empenhar-se continuamente para fazer avançar o propósito de Deus, no caminho já anunciado pelo Pioneiro e Autor da Fé. E, quando eles são tentados a desanimar e desistir da marcha avante, isso reanima seu espírito abatido e fornece grande incentivo para continuarem na jornada para aquela comunidade eterna que é a verdadeira pátria de todas as almas fiéis. Um livro que faz tudo isso, independentemente das imagens que usa, é um livro que fala à condição da igreja em todo o mundo na segunda metade do século 20.

Minha dívida para com outras pessoas nas próximas páginas é enorme e pode ser reconhecida somente de forma muito inadequada. Entre os expositores anteriores, Calvino e Westcott, James Moffatt e Geerhardus Vos têm sido de grande ajuda. O comentário enciclopédico de C. Spicq sempre ficou ao alcance das minhas mãos. Para esboçar e aplicar à consciência as lições práticas da epístola, G. H. Lang tem poucos concorrentes. E não sou o único autor de estudos sobre essa carta em anos recentes para os quais William Manson não tenha fornecido um contexto histórico-cultural-social mais convincente do que todos os outros. Mas esta lista não é exaustiva. Outros que me ajudaram também estão suplicando por inclusão: A. B. Davidson, E. Riggenbach e H. Windisch — mas o prefácio do autor não é lugar para uma bibliografia.

Preciso acrescentar uma palavra de agradecimento ao reverendíssimo D. E. W. Harrison, deão de Bristol. No inverno de 1955-1956, quando ele era arcediogo de Sheffield e eu morava na mesma cidade, ele e eu conduzimos,

juntos, uma classe de estudo sobre a Epístola aos Hebreus para o Departamento Extramural da Universidade de Sheffield. Minha compreensão da Epístola foi aprofundada de maneira muito considerável como resultado dessa feliz colaboração com ele.

Ao dr. Stonehouse minha dívida de gratidão é de fato muito grande, pelo convite para escrever este comentário e por muitas outras demonstrações de amizade e comunhão. Como reconhecimento, mas de forma alguma como pagamento dessa dívida, a obra concluída é dedicada à memória dele.

F. F. BRUCE
Agosto de 1963

Reduções gráficas

AB	Anchor Bible
ad loc.	<i>ad locum</i> (no lugar mencionado)
AJT	<i>America Journal of Theology</i>
ALGHJ	Arbeiten zur Literatur und Geschichte des hellenistischen Judentums (Leiden)
AnBib	Analecta Biblica (Roma)
ANRW	<i>Aufstieg und Niedergang der römischen Welt</i> (Berlin/New York)
Ant.	<i>Antiguidades judaicas</i> (Josefo)
ARV	American Revised Version (American Standard Version), 1901
AT	Antigo Testamento
ATD	Das Alte Testament Deutsch (Göttingen)
AV	Authorized Version, 1611 (<i>veja</i> KJV)
BA	<i>The Biblical Archeologist</i>
BAGD	W. Bauer; W. F. Arndt; F. W. Gingrich; F. W. Danker, <i>Greek English lexicon of the New Testament and early Christian literature</i>
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
BBB	Bonner Biblische Beiträge
BDF	F. Blass; A. Debrunner; R. W. Funk, <i>Greek Grammar of the New Testament and other early Christian literature</i> (Chicago, 1961)
BGBE	Beiträge zur Geschichte der biblischen Exegese (Tübingen)
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands (University) Library</i> (Manchester)
BNTC	Black's New Testament Commentaries (= HNTC)
BU	Biblische Untersuchungen
BZAW	Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft
BZNW	Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CBQM	Catholic Biblical Quarterly Monographs
CBSC	Cambridge Bible for Schools and Colleges
CD	Livro do Código de Damasco (Qumran)
CentB	Century Bible
CGT	Cambridge Greek Testament

<i>CIA</i>	<i>Corpus Inscriptionum Atticarum</i>
<i>CIG</i>	<i>Corpus Inscriptionum Graecarum</i>
1Clem.	1Clemente (epístola de Clemente de Roma aos coríntios)
<i>Hom. Clem.</i>	<i>Homilias Clementinas</i>
<i>Reconh. Clem.</i>	<i>Reconhecimentos Clementinos</i>
<i>CMRDM</i>	<i>Corpus Monumentorum Religionis Dei Menis</i> , 1-IV (Leiden, 1971-1978)
<i>DBSup</i>	<i>Dictionnaire de la Bible: supplément</i>
<i>DJD</i>	<i>Discoveries in the Judaen desert</i> , 1- (Oxford, 1955-)
<i>DOTT</i>	<i>Documents from Old Testament times</i> , D. W. Thomas, org. (London/New York, 1958)
ÉB	Études Bibliques
ed.	editor, editado por
<i>EGT</i>	<i>Expositor's Greek Testament</i>
ep(p).	epístola(s)
<i>Ep. Barn.</i>	<i>Epístola de Barnabé</i>
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
ERV	English (British) Revised Version, 1881-1885
esp.	especialmente
EV(v)	English version(s)
<i>EvTh.</i>	<i>Evangelische Theologie</i>
<i>Exp.</i>	<i>Expositor</i>
ExpB.	Expositor's Bible
<i>ExT</i>	<i>Expository Times</i>
FRLANT	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments (Göttingen)
<i>FS</i>	<i>Festschrift</i>
gr.	grego
GNBC	Good News Bible Commentary
<i>GNT</i> ³	<i>Greek New Testament of United Bible Societies</i> (London/New York, 3. ed. 1975)
HAT	Handbuch zum Alten Testament
<i>HCNT</i>	<i>Handcommentar zum Neuen Testament</i> , H. J. Holtzmann, org. (Freiburg im Breisgau)
<i>HDB</i>	<i>Dictionary of the Bible</i> , J. Hastings, org. (Edinburgh)
hebr.	hebraico
<i>Hist. ecl.</i>	<i>História eclesiástica</i> (Eusébio, Sócrates)
HNT	Handbuch zum Neuen Testament (Tübingen)
HNTC	Harper's New Testament Commentaries (= BNTC)
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
IB	<i>Interpreter's Bible</i> , 1-XII (New York/Nashville, 1952-1957)

ibid.	<i>ibidem</i> , “no mesmo lugar (como o que acabou de ser mencionado)”
ICC	International Critical Commentary (Edinburgh)
IEJ	<i>Israel Exploration Journal</i>
IG	<i>Inscriptiones Graecae</i> , 1873–
INT	<i>Introduction to the New Testament</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>
JE	<i>Jewish Encyclopaedia</i> (New York)
JJS	<i>Journal of Jewish Studies</i>
JNES	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
JRS	<i>Journal of Roman Studies</i>
JSJ	<i>Journal for the Study of Judaism</i>
JST	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
JSS	<i>Journal of Semitic Studies</i>
JTC	<i>Journal for Theology and the Church</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
Jub.	<i>Livro de Jubileus</i>
KHC	Kurzer Handcommentar zum Alten Testament (Tübingen)
LBC	Layman’s Bible Commentary
LD	lectio divina
<i>Interp. aleg.</i>	<i>Interpretação alegórica das leis</i> (Filon)
LSJ	<i>Greek-English lexicon</i> , H. G. Liddell; R. Scott, 9. ed. revisada por H. S. Jones (Osford, 1940).
LXX	Septuaginta (Antigo Testamento grego)
mg.	margem
MHT	<i>Grammar of New Testament Greek</i> , J. H. Moulton; W. F. Howard; N. Turner, I–IV (Edinburgh, 1906–1907)
MK	Meyer-Kommentar (Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament, begründet von [baseado em] H. A. W. Meyer)
MM	<i>The vocabulary of the Greek Testament</i> , J. H. Moulton; G. Milligan (London, 1930).
MNTC	Moffatt New Testament Commentary (London)
<i>Mor.</i>	<i>Moralia</i>
ms(s)	manuscrito(s)
NA ²⁶	E. e E. Nestle; K. Aland etc., <i>Novum Testamentum Graece</i> , 26. ed. rev. (Stuttgart, 1979).
NBD ²	<i>New Bible Dictionary</i> , J. D. Douglas; N. Hillyer etc., orgs., 2. ed. (Leicester, 1982)
NCBC	New Century Bible Commentary
NEB	New English Bible (1970)
<i>New Docs.</i>	<i>New Documents illustrating early Christianity</i> , G. H. R. Horsley, org., I– (Macquarie University, 1981–)
NF	Neue Folge

NICNT	New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids)
NIDNTT	<i>New International Dictionary of New Testament theology</i> (Exeter, 1975-1978)
NIGTC	New International Greek Commentary (Grand Rapids/Exeter)
NIV	New International Version (Grand Rapids/London, 1978/1984)
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Supplements to <i>Novum Testamentum</i>
n.s.	new series
NT	Novo Testamento
NTC	New Testament Commentary, W. Hendriksen; S. Kistemaker (Grand Rapids)
NTD	Das Neue Testament Deutsch
NTS	<i>New Testament Studies</i>
OGIS	<i>Orientalis Graeci Inscriptiones Selectae</i> , W. Dittenberger, org.
org.	organizador, organizado por
OTL	Old Testament Library
OTS	<i>Oudtestamentische Studien</i> (Leiden)
Ⓟ	papiro(s)
P. Berl.	Berlin Papyrus (Papyri)
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
P. Lond.	London Papyrus (Papyri)
P. Oxir.	Papiros de Oxirrinco
Est. Prelim.	<i>Dos estudos preliminares</i> (Filon) (<i>De Congressu Quaerendae Eruditiones Gratia</i>)
PTR	<i>Princeton Theological Review</i>
Q	Qumran
1Q	(Manuscrito de) Qumran Caverna 1
1QH	<i>Hodayot</i> (Hinos de gratidão) de Qumran Caverna 1
1QM	<i>Milḥamah</i> (Rolo da guerra) de Qumran Caverna 1
1QpHab	<i>Pesher</i> (comentário) de Habacuque de Qumran Caverna 1
1QS	<i>Serekh</i> (Regra da comunidade) de Qumran Caverna 1
1QSa	<i>Serekh ḥā'ēdāh</i> (Regra da congregação) de Qumran Caverna 1
4QDr ^a	Fragmento de Deuteronômio de Qumran Caverna 4
4QpPs. 37	<i>Pesher</i> (comentário) de Salmos 37 de Qumran Caverna 4
4QFlorilegium	Antologia de textos bíblicos de Qumran Caverna 4
4QTestimonia	Coleção de "textos-prova" de Qumran Caverna 4
RB	<i>Revue Biblique</i>
RBén	<i>Revue Bénédictine</i>
RÉJ	<i>Revue des Études juives</i>
RHPR	<i>Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses</i>
RNT	Regensburger Neues Testament

RQ	<i>Revue de Qumran</i>
RSR	<i>Revue des sciences religieuses</i> (Estrasburgo)
RSV	Revised Standard Version (1952, 2. ed. 1971)
RTR	<i>Reformed Theological Review</i> (Austrália)
Sb	Sabedoria de Salomão
SBLDS	Society for Biblical Literature Dissertation Series
SBLMS	Society for Biblical Literature Monograph Series
SBT	Studies in Biblical Theology
SE	<i>Studia Evangelica</i>
SJT	<i>Scottish Journal of Theology</i>
Sl. Sal.	Salmos de Salomão
SN	Studia Neotestamentica
SNT	Studien zum Neuen Testament
SNTSM	Society of New Testament Studies Monograph(s)
SR	<i>Studies in Religion/Sciences religieuses</i>
s.v(v).	<i>sub vocabulo(-os)</i> , “sob a(s) palavra(s)”
b.	Talmude babilônico
tb.	também
TC	Torch Commentaries
TDNT	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> , 1–x, G. Kittel; G. Friedrich, orgs. (1933–1976), t.i. de G. W. Bromiley (Grand Rapids, 1964–1976)
TEH	Theologische Existenz Heute
T.I.	Tradução inglesa
T.L.	Tradução latina
TM	Texto Massorético (da Bíblia Hebraica)
T.	<i>Testamento</i> (e.g., <i>T. Dã</i> = <i>Testamento de Dã</i>)
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TR	Textus Receptus (Texto recebido)
TRE	<i>Theologische Realenzyklopädie</i>
TRu	<i>Theologische Rundschau</i>
TU	<i>Texte und Untersuchungen</i> (Berlin)
TynB	<i>Tyndale Bulletin</i>
TZ	<i>Theologische Zeitschrift</i>
Vulg.	Vulgata (Bíblia latina)
VH	<i>Vera Historia</i> , “Verdadeira história” (Luciano)
VT	<i>Vetus Testamentum</i>
WA	Weimarer Ausgabe (edição de Weimar das obras de Lutero)
WC	Westminster Commentaries
WMANT	Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament
WTJ	<i>Westminster Theological Journal</i> (Philadelphia)

WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament (Tübingen)
γ.	Talmude de Jerusalém (palestiniano)
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
ZK	Zahn-Kommentar zum Neuen Testament
ZMR	<i>Zeitschrift für Missionskunde und Religionswissenschaft</i>
ZNW	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
ZTK	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

Linha de argumentação da Epístola aos Hebreus

I

Hebreus 1.1—2.18

Deus falou de diversas maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas agora ele falou sua palavra final e definitiva em seu Filho, seu representante perfeito. O Filho de Deus é seu agente não somente na criação e na revelação, mas também — e de forma preeminente — na salvação da raça humana. Ele é maior do que qualquer profeta; ele é maior até do que os anjos, como testificam de forma abundante as Escrituras antigas. Foi por meio dos anjos que a Lei de Moisés foi transmitida, e suas sanções foram muito severas; quanto mais arriscado deve ser ignorar a mensagem salvadora trazida não por um anjo, mas por Jesus, o Filho de Deus!

Jesus, o Filho de Deus, é aquele a quem o domínio do mundo foi entregue para todo o tempo vindouro. Como o salmo 8 nos ensina, Deus colocou todas as coisas sob o domínio dos seres humanos, e foi a natureza humana — a *nossa* natureza — que o Filho de Deus assumiu a fim de reconquistar esse domínio. Para fazer isso, ele precisou derrotar o Diabo, que o tinha usurpado, e salvar aqueles que ele mantinha cativos; e ele derrotou o Diabo quando na morte invadiu a esfera da morte, que o Diabo havia controlado até então. Além disso, é porque Jesus é verdadeiro Homem que ele está qualificado para servir como sumo sacerdote em favor do seu povo; ele conhece todas as provações deles com base na sua própria experiência, por isso pode lhes dar, em tempo oportuno, a ajuda de que precisam.

II

Hebreus 3.1—4.14

Tomemos, porém, cuidado: aqueles que se rebelaram contra Deus nos dias da peregrinação pelo deserto foram excluídos do descanso dele na Terra

Prometida. Há, no entanto, um descanso melhor do que aquele que os israelitas encontraram em Canaã; é o descanso que está à espera do povo de Deus. Precisamos tomar cuidado para não desperdiçar esse descanso por meio da rebelião contra Deus, agora que ele fala conosco já não mais por meio do seu servo Moisés, como fez naqueles dias, mas por meio de seu Filho, que é maior do que Moisés.

III

Hebreus 4.15—6.20

Como já foi dito, Jesus é o nosso grande sumo sacerdote, capaz de se compadecer do seu povo e ajudá-lo. Podemos, com toda a segurança, buscar compreensão e graça libertadora ao olharmos para aquele que suportou a agonia do Getsêmani. Ele foi chamado para o seu ofício do sumo sacerdócio pelo próprio Deus, como deixa claro um oráculo inspirado: “O Senhor jurou e não vai mudar de ideia, ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’”.

(Eu gostaria de aprofundar esse tema, mas na verdade não sei se posso; vocês são tão imaturos espiritualmente. Preciso adverti-los solenemente de que aqueles que foram batizados e experimentaram as bênçãos da era nova nunca poderão repetir a experiência de arrependimento e conversão se eles cometerem apostasia. Não que eu ache que vocês efetivamente têm intenção de serem apóstatas; tenho esperanças mais positivas a respeito de vocês do que isso. Em vez disso, espero que vocês se empenhem e avancem a partir do ponto que já alcançaram, para que obtenham maturidade completa, em vez de ficarem atolados aí ou até terem uma recaída.)

IV

Hebreus 7.1-28

Jesus, então, é, por designação divina, um sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Vocês se lembram da história de Melquisedeque, sacerdote do Deus altíssimo. Ele aparece de repente nos registros sagrados, sem antecedentes, e nada se diz sobre a sua jornada posterior. Mas ele foi um grande homem; nosso pai Abraão lhe pagou dízimos e recebeu as bênçãos dele. Vocês poderiam até dizer que Levi, antepassado das famílias sacerdotais de Israel, pagou dízimos a Melquisedeque na pessoa de seu bisavô Abraão. Isso significa que Melquisedeque é maior do que Levi e o sacerdócio de Melquisedeque é melhor do que o de Arão. E, aliás, isso é óbvio, pois, se o acesso perfeito

a Deus tivesse sido alcançável sob o sacerdócio arônico, por que Deus teria aclamado o Messias como sacerdote de uma ordem diferente?

Em muitos aspectos, o sacerdócio de Jesus segundo a ordem de Melquisedeque é superior ao sacerdócio de Arão. Jesus, diferentemente de Arão e de seus sucessores, foi confirmado no seu ofício pelo juramento de Deus. Jesus é imortal, ao passo que os sacerdotes da linhagem de Arão morrem um por um. Jesus é sem pecados, ao passo que os sacerdotes da linhagem de Arão precisam apresentar sacrifícios pelo pecado para sua própria purificação antes de poderem apresentar sacrifícios pelo povo. O serviço sacrificial *deles* precisa ser repetido constantemente porque nunca é realmente eficaz; Jesus, por meio do sacrifício único de si mesmo, eliminou o pecado do seu povo para sempre.

V

Hebreus 8.1—10.18

Os sacerdotes arônicos ministram sob a antiga aliança instituída no monte Sinai; Jesus é o Mediador da nova aliança — a aliança cuja inauguração Jeremias prenunciou. A introdução de uma nova aliança significa que a antiga se tornou obsoleta. A antiga aliança fazia provisão para a remoção da contaminação exterior por meio de sacrifícios de animais e ritos semelhantes, mas essas coisas nunca conseguiam remover *o pecado*; sob a nova aliança, Jesus, ao entregar a sua vida a Deus em um sacrifício aceitável e eficaz, purifica a *consciência* da culpa e assim elimina a barreira entre o seu povo e Deus. Os sacerdotes arônicos ministram em um santuário terreno pertencente à antiga ordem, em que o acesso à presença divina é barrado por um véu; Jesus exerce o seu sumo sacerdócio no santuário celestial, em que não há essa barreira entre os adoradores e Deus. E esse santuário celestial, no qual o acesso direto a Deus é concedido por meio de Jesus, é aquela ordem espiritual e eterna da qual o santuário terreno é somente uma cópia temporária e inadequada. Pois a nova ordem para a qual Cristo leva o seu povo está para a antiga ordem levítica como a matéria está para a sombra.

VI

Hebreus 10.19—12.29

Abandonemos, então, a antiga e obsoleta ordem e aproximemo-nos de Deus por este novo e vivo caminho que Jesus, por meio da sua morte, abriu para nós. Mantenhamos esperança firme e a fé inabalável nele. Assim, teremos a firme certeza dessas realidades eternas que são invisíveis para o olho exterior; seremos capazes de olhar à frente com ardente expectativa para o advento

certo daquele que vem. Foi por meio desse olhar para a frente que os santos dos dias passados obtiveram a aprovação de Deus; eles viveram na certeza daquelas promessas cujo cumprimento veio nos nossos dias. Sigamos o exemplo deles; ou melhor, sigamos o exemplo de Jesus. Ele correu a corrida da fé do começo ao fim, não amedrontado pela desgraça da cruz, e agora está entronizado à direita de Deus.

Não desanimemos diante das nossas provações: essas provações são a prova de que efetivamente somos os verdadeiros filhos nascidos de Deus. E pensem na glória que é a nossa herança nesta era de cumprimento — algo que suplanta em muito o que homens e mulheres de fé experimentaram em dias passados. Como é que alguma vez pensamos em voltar para os caminhos antigos?

VII

Hebreus 13.1-25

Assim, mantenham a sua confissão cristã com paciência e esperança; vivam como é apropriado a cristãos; e que Deus, que levantou Jesus dos mortos, os ajude a fazerem a vontade dele em todas as coisas.¹

¹A epístola é uma obra literária cuidadosamente construída, revelando uma simetria concêntrica e uma *inclusio* bem elaborada. Sua estrutura foi mais amplamente estudada por A. Vanhoye, *La structure littéraire de l'Épître aux Hébreux* (Paris/Bruges, 1976); ele inclui uma avaliação crítica de análises anteriores. Para críticas a Vanhoye, veja J. Bligh, “The structure of Hebrews”, *Heythrop Journal* 5 (1964): 170-7 (cf. seu *Chiastic structure of the Epistle of Hebrews* [Oxford, 1968]) e J. Swetnam, “Form and content in Hebrews 1—6”, *Biblica* 53 (1972): 368-85; “Form and content in Hebrews 7—13”, *Biblica* 55 (1974): 333-48, com a resposta de Vanhoye, “Discussions sur la structure de l'Épître aux Hébreux”, *Biblica* 55 (1974): 349-80. Veja tb. B. Lindars, “The rhetorical structure of Hebrews”, *NTS* 35 (1989): 382-406.

Introdução

A Epístola aos Hebreus é diferente da maioria das epístolas do Novo Testamento no sentido de que, embora termine como uma carta, ela não começa como uma carta; falta-lhe a costumeira saudação inicial contendo os nomes do autor e dos destinatários.¹ Entretanto, não somente nas notas pessoais no final,² mas em toda a sua extensão, a carta é claramente endereçada a uma comunidade específica pela qual o autor se interessa vividamente. No entanto, visto que nem essa comunidade nem o autor são expressamente identificados no texto na forma em que ela foi preservada para nós, o documento nos apresenta já de início uma série de problemas para os quais nenhuma solução concordante foi encontrada ainda.

I. Destinatários

O documento era conhecido e foi citado já antes do fim do primeiro século,³ mas não com seu título tradicional “A(os) Hebreus”. Esse título remonta ao último quarto do século 2,⁴ se não a uma data anterior, e a partir desse tempo

¹A outra exceção entre os documentos das cartas do NT nesse sentido é 1João, que nem começa nem termina como uma carta, mas é, do começo ao fim, como uma grande parte de Hebreus, uma “palavra de exortação” (cf. p. 26, 480).

²Cf. 13.1 (p. 449s. com n. 2-4); 13.22ss. (p. 481s. com n. 6-8).

³Certamente era do conhecimento de Clemente de Roma c. 90 d.C. (veja p. 12 com n. 53), e quase tão certamente de Hermas, também de Roma, não muito depois disso (cf. à luz de Hb 3.12 suas advertências contra a “apostasia do Deus vivo” em *Pastor*, Visão 2.3.2; 3.7.2; veja tb. p. 106, n. 39; p. 162, n. 35; p. 167, n. 55; p. 168, n. 58; p. 320s., n. 19-23).

⁴A ocorrência mais antiga de Πρὸς Ἑβραίους parece ser a que está no topo da cópia da epístola no fólio 21r de P⁴⁶, o códice sobrevivente mais antigo do *corpus Paulinum*. Clemente de Alexandria (c. 180 d.C.), no extrato de seu *Hypotyposes* citado por Eusébio, não usa a expressão precisa Πρὸς Ἑβραίους, mas evidentemente conhecia a epístola com esse título, visto que ele fala dela como escrita “aos Hebreus” (Ἑβραίοις, Eusébio, *Hist. eccl.* 6.14.3, 4). Tertuliano, no seu tratado *Da modéstia* (20), escrito em c. 220 d.C., a conhece com o título latino correspondente *ad Hebraeos* (cf. p. 5-6, 167).

é a designação regular da obra nos manuscritos do Novo Testamento e nos escritores cristãos. Como ela se originou não é fato conhecido; pode muito bem ter acontecido que, no curso do século 2, a obra foi incluída no *corpus* paulino, o editor lhe deu o título por analogia com “A(os) Romanos” etc.⁵ Mas o que exatamente se queria dizer com o termo “Hebreus” não sabemos; o título pode simplesmente ter refletido a impressão do editor (compartilhada, sem dúvida, com outros leitores) de que os destinatários eram judeus ou, mais provavelmente, cristãos judeus.⁶ Há algumas passagens no Novo Testamento em que o termo “hebreus” é usado como referência a uma classe distinta de judeus ou cristãos judeus, em oposição aos que eram chamados helenistas;⁷ mas é improvável que esse emprego peculiar esteja refletido no título tradicional de nossa epístola.⁸ Aliás, se pensarmos segundo as categorias da divisão “hebreus-helenistas”, deveríamos classificar essa epístola naturalmente como um documento helenístico.

Se o título “A(os) Hebreus”⁹ é um rótulo editorial acrescentado à obra para facilitar a referência, não uma designação original, não deveríamos ser

⁵É difícil aceitar a sugestão de F. C. Synge de que o título significa “Contra (os) Hebreus” (*Hebrews and the Scriptures* [London, 1959], p. 44).

⁶Quanto ao uso geral de Ἑβραῖοι para designar cristãos judeus, cf. M. Black, *The scrolls and Christian origins* (London, 1961), p. 78; aparece com esse sentido no título do *Evangelho segundo os Hebreus* e no papiro mágico de Paris 574, II, 3018s.: “Eu te conjuro por Jesus o Deus dos hebreus”.

⁷Cf. Atos 6.1; 2Coríntios 11.22; Filipenses 3.5. Veja *Acts*, NICNT (Grand Rapids, 2. ed. 1988), p. 120.

⁸W. Manson, *The Epistle to the Hebrews* (London, 1951), p. 162, sugere que a epístola foi endereçada a uma minoria de “hebreus” nesse sentido peculiar, que formavam “uma seção da igreja judaico-cristã de Roma”. Na página 44, ele afirma que essa minoria, “em reação à liberdade mais ampla do evangelho da missão mundial estava afirmando princípios e alegações contrárias semelhantes àquelas da seção original de ‘hebreus’ da igreja de Jerusalém”. Mas temos somente pouquíssimas informações para saber quais eram os princípios e as alegações contrárias defendidos pelos “hebreus” na primeira igreja em Jerusalém; e efetivamente sabemos que Estêvão, que supostamente era helenista, e Paulo, nascido e criado como “hebreu”, experimentaram igualmente oposição amarga entre os helenistas não cristãos em Jerusalém (At 6.9; 9.29). Em geral, no entanto, tenho grande simpatia pela tese de W. Manson (veja p. 13).

⁹C. Spicq sugere que “Aos Hebreus” significa “aos peregrinos” — aqueles que “passam por” este mundo; ele recorre à provável semelhança entre o hebraico *‘ibrî* (“hebreu”) e *‘āḇar* (“passar por/sobre”); cf. a tradução da LXX de “Abrão o hebreu” (Gn 14.13) como Ἀβραῖμ ὁ περάτης (veja tb. p. 176 com n. 13; p. 365s., n. 114–23). Cf. E. Käsemann, *The wandering people of God* (1938), T.I. (Minneapolis, 1984), p. 240, n. 182 (ele cita com a mesma sugestão F. M. Schiele, “Harnack’s ‘probabilia’ concerning the address and the author of the Epistle to the Hebrews”, *AJT* 9 (1905): 290–308, e V. Monod, *De titulo epistulae vulgo ad Hebraeos inscriptae* (Montauban, 1910). Compare o título do comentário de Hebreus de R. Jewett: *Letter to the pilgrims* (New York, 1981). Spicq ressalta como esse sentido de “hebreu” é explorado por Filon (*L’Épître aux Hébreux*, I [Paris, 1952], p. 243–6). Em seu artigo posterior, “L’Épître aux Hébreux: Apollos, Jean-Baptiste, les Hellénistes et Qumrân”, *RQ* 1 (1958–1959): 365–90,

tão fortemente influenciados por ele para estabelecer a identidade dos destinatários. Isso precisa ser estabelecido, na medida do possível, com base em evidências internas.

Não há dúvida de que seria natural para leitores do século 2, como no caso de muitos outros desde então, pensar nos destinatários como judeus ou cristãos judeus. Toda a argumentação é conduzida contra um pano de fundo de alusões ao Antigo Testamento; pressupõem-se, aí, familiaridade considerável com o ritual levítico e o interesse por ele. Tudo isso, no entanto, não requer, em si, que o autor nem os leitores sejam judeus; conhecemos cristãos gentios que estavam profundamente familiarizados com o Antigo Testamento, aceitavam-no como Escrituras sagradas imbuídas de autoridade e manifestavam um interesse vívido pelos detalhes do Tabernáculo mosaico e das ofertas levíticas, em que eles encontravam uma prefiguração admiravelmente plena do evangelho. Assim, alguns ressaltam, o conhecimento do ritual levítico do nosso autor, assim como o conhecimento que ele pressupõe nos seus leitores, é um conhecimento literário — isso quer dizer que ele é extraído dos escritos do Antigo Testamento (com o auxílio, possivelmente, de alguma tradição midráshica),¹⁰ não de algum conhecimento de primeira mão obtido de algum procedimento no Templo de Jerusalém nos anos finais da Segunda Comunidade do Povo Judeu. Diversos estudiosos da última geração (ou duas), entre os quais os comentaristas Moffatt e Windisch são extraordinários,¹¹ têm defendido que a epístola foi endereçada a cristãos gentios que estavam em perigo de cometer apostasia e assim renunciar completamente à verdadeira religião — “abandonando o Deus vivo”, como o nosso autor formula a frase (3.12). Se os cristãos judeus recaíssem no judaísmo, está implícito o fato de que isso não envolveria abandonar “o Deus vivo”; a recaída no judaísmo ao menos significaria que eles continuariam adorando o Deus de Israel. E, além disso,

ele repete essa sugestão (citando de Jerônimo, *Sobre Jeremias* 1.14: “Hebreu: isto é περάτης, peregrino e passante”); ele também ressalta que a designação μέτοχοι encontrada nessa epístola (e.g., em 3.1) pode refletir o hitpael do verbo ‘*arab*’ (usado no sentido de “associar-se com” no AT e nos textos de Qumran). Isso poderia sugerir um jogo de palavras com a metátese ‘*ābar*/’*arab*, mas μέτοχοι poderia também refletir o termo hebraico *hāḇērîm* (“associados” em uma sociedade religiosa ou *hāḇūrāh*); a ideia disso como sendo a palavra por trás de ἑβραῖοι no título pode parecer atraente para alguns (não para mim).

¹⁰Cf. p. 27, n. 115; p. 270, n. 38 (comentário de 9.19).

¹¹Cf. J. Moffatt, *The Epistle to the Hebrews*, ICC (Edinburgh, 1924), p. xvi et passim; H. Windisch, *Der Hebräerbrief*, HNT (Tübingen, 1931), p. 31 (comentário sobre 3.12) et passim; tb. A. C. McGiffert, *A history of Christianity in the apostolic age* (Edinburgh, 1897), p. 463–82 (com bibliografia na p. 468, n. 3); E. F. Scott, *The Epistle to the Hebrews* (Edinburgh, 1922); E. Käsemann, *The wandering people of God*; G. Vos, *The teaching of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, 1956); H. Koester, *Introduction to the New Testament*, II (Philadelphia, 1982), p. 272–6.

será que não há um passado pagão indicado na repetida expressão “obras mortas” — quando os leitores são lembrados do “fundamento do arrependimento de obras mortas”, o qual, uma vez posto, não pode ser posto de novo (6.1), e também da eficácia do sangue de Cristo para “purificar nossa consciência de obras mortas para que adoremos o Deus vivo” (9.14)?¹²

Do ponto de vista do nosso autor, a desobediência propositada ao Deus vivo era apostasia concreta contra ele, não importando se os culpados dela fossem judeus ou gentios de nascimento. Quando ele adverte os seus leitores contra afastar-se do Deus vivo, ele cita o exemplo dos israelitas no deserto sob a condução de Moisés que desobedeceram a Deus, rejeitaram a liderança de Moisés e não entraram na Terra Prometida. O que foi uma possibilidade para os israelitas de então era igualmente uma possibilidade para os israelitas de agora. E as “obras mortas” são coisas que chamam por arrependimento e purificação, sem fazer distinção entre judeus ou gentios. Mais especificamente, todo o “fundamento” de 6.1s. implica os antecedentes judaicos dos leitores, assim como acontece também com a descrição da morte de Cristo em 9.15: obtendo “redenção das transgressões cometidas sob a primeira aliança”.

Sua insistência em que a antiga aliança ficou antiquada é expressa com uma seriedade moral e enfatizada repetidas vezes de uma maneira que não teria propósito se os leitores não estivessem especialmente dispostos a viver debaixo dessa aliança, mas seria muito apropriada se eles estivessem ainda vivendo debaixo dela, ou se imaginassem que, tendo passado para além dela, ainda pudessem retornar a ela.¹³

Além disso, os apelos do nosso autor às Escrituras do Antigo Testamento refletem sua confiança no fato de que seus leitores, mesmo que sua lealdade ao evangelho estivesse se enfraquecendo, reconhecerão a autoridade delas. Isso com certeza eles fariam se fossem judeus; eles tinham reconhecido a autoridade dessas Escrituras antes de se tornarem cristãos e, se eles sofressem uma recaída do cristianismo no judaísmo, continuariam reconhecendo a autoridade delas. Os convertidos do paganismo ao cristianismo, por outro lado, adotaram o Antigo Testamento como seu livro sagrado em combinação com sua fé cristã;

¹²O argumento de que προσελιθύσατε em 12.18,22 significa que os leitores eram “prosélitos” do paganismo não é suficientemente sólido para ter peso significativo; no máximo, os identifica como convertidos ao cristianismo (cf. p. 455 com n. 21-34).

¹³Não há nada na argumentação que sugira que os leitores eram cristãos gentios expostos à propaganda de persuasão judaica como aqueles aos quais a Epístola aos Gálatas foi dirigida. A ausência de menção à circuncisão não causa espanto em uma carta a uma comunidade judaico-cristã, em que essa não seria uma questão debatida como era entre os gentios convertidos nas igrejas da Galácia ou do vale do Lico.

se eles fossem tentados a abdicar de sua fé cristã, o Antigo Testamento iria de carona. Não somente isso, mas até mesmo os termos com os quais nosso autor pressupõe da parte deles um reconhecimento da autoridade do Antigo Testamento implicam que eles aceitavam as premissas judaicas; por exemplo, comentando sobre o anúncio de Salmos 110.4 de um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, ele pergunta: “Agora, se a perfeição fosse obtível por meio do sacerdócio levítico [...], que necessidade ainda haveria para que surgisse mais um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, em vez de ser chamado segundo a ordem de Arão?” (7.11). Esse argumento sugere que as pessoas às quais a carta foi endereçada consideraram natural e automático (e corretamente assim) que o sacerdócio levítico foi instituído pela autoridade divina, e talvez também estivessem inclinadas a considerar natural e automático (e de modo equivocado) que ele representava o estágio final nesse aspecto da provisão de Deus para eles. Os convertidos do paganismo não teriam tanta certeza da instituição divina do sacerdócio levítico, e para o argumento do autor de que “se a perfeição fosse obtível por meio do sacerdócio levítico...” sua resposta naturalmente seria: “Nunca achamos que fosse!”. De modo que, se fôssemos compelidos a considerar que os receptores da carta eram gentios, poderíamos dar algum significado à exortação de 13.13 de ir a Cristo “fora do acampamento”, mas ainda assim essa linguagem é muito mais inteligível se dirigida a judeus.

Alguns estudantes da epístola, concluindo que as pessoas endereçadas eram judias, foram além e tentaram identificá-las com uma classe específica de judeus. Karl Bornhäuser, por exemplo, inferiu de uma passagem como 5.12 (em que os leitores recebem a exortação de que a essa altura já deveriam ser capazes de ensinar outros) que eles não eram cristãos judeus comuns, mas com maior probabilidade convertidos do sacerdócio judaico — alguns dos “muitos sacerdotes” que “foram obedientes à fé” no período anterior à expulsão dos crentes helenísticos de Jerusalém (At 6.7).¹⁴ Além disso, os sacerdotes teriam um interesse natural nos detalhes rituais do argumento do nosso autor. Outros pontos de apoio a essa posição são citados por C. Spicq em seu grande e excelente comentário dessa epístola.¹⁵ Sete anos após a publicação de seu comentário, Spicq elaborou essa parte da sua tese com o argumento de que esses sacerdotes convertidos eram “essênios cristãos”, incluindo ex-membros

¹⁴K. Bornhäuser, *Empfänger und Verfasser des Briefes an die Hebräer* (Gütersloh, 1932), condensado por C. Sandegren, “The addressees of the Epistle to the Hebrews”, *EQ* 27 (1955): 221-4.

¹⁵*L'Épître aux Hébreux*, 1 (Paris, 1952), p. 226-31.